

O pedido foi de escrever uma carta de amor à Pastoral da Juventude e eu busquei na memória as razões para que essa declaração fizesse sentido, escolhi alguns aspectos desta história minha que se cruzaram. A carta é para ser uma declaração de amor por você, Pastoral da Juventude. Indicando alguns pontos trago as razões.

Cartas  
de Amor  
à PASTORAL da  
JUVENTUDE

# UMA MEMÓRIA importante

CARTA  
Nº 1

Para dizer dos meus sentimentos por você, fiz um giro histórico para quando nos conhecemos, um pouco antes, talvez quando estava iniciando a experiência de grupos pequenos, desarticulados. Eu uma menina nascida no espaço rural, de família forçada a migrar para a cidade, pais com pouca escolaridade, portanto condenados a serviços de auxiliar de pedreiro, limpeza e a remuneração mínima. Família de muitos filhos/as, somos oito. Mãe cuidadora da casa, dos filhos e da sobrevivência, nossas origens estão marcadas pelas culturas indígenas, tanto avô materno como avó materna. Povo de poucas palavras e muitos gestos quando se trata de dizer do amor.

Também, sou a terceira mulher e depois de mim, nasce um menino. Eu entendi ali com três anos, que não estavam bem as relações entre os homens e as mulheres. Dizia minha vó que minha reação foi muito grande e o fato dela me apoiar na ocasião, e ainda, me contar e recontar essa história acabou como primeira memória de resistência, hoje muito mais claro, porque ela foi exercitada de outras formas ao longo da minha trajetória. E, outra marca que preciso dizer a você, é que no ano seguinte 1961 fui acometida pelo vírus da poliomielite, que marcou meu corpo e minha vida.

A classe social e a diferença na marcha, porque fiquei manca, como sequela para paralisia infantil, foi lugar dos diversos abusos que sofri ao longo da minha história de infância e adolescência. Fez nascer muitos medos - o maior deles era de gente, devido as situações de humilhações. E para ajudar, eu estudei em escola confessional católica, destinada para gente rica, onde alguns pobres tinham bolsa, eu era dessas que recebi essa "caridade" porque meu pai era porteiro servente da escola. E então, vivi um período de isolamento social grave e imposto por estas condições.



Toda esta história anterior para dizer da minha primeira declaração: o grupo, a PJ (você) foi meu espaço de salvação, fiz outros movimentos na direção das pessoas e do comunitário. E eu pude por causa da sua existência entender sobre minhas ancestralidades e visitar minha história de avô curador, porque com certeza deveria ser o pajé do seu grupo, escutar as histórias de violências de minha avó e tias de outro lugar, entender nosso jeito de estar no mundo, nossos costumes e nossos gostos, entender com mais profundidade meus pais tão conectados com a natureza, saber que eu tinha uma classe social da qual não era vergonha e sim, de gente lutadora e com uma capacidade de resistência tremenda. E com cuidados que jamais esquecerei. Só para citar, minha mãe cultivava ervas medicinais para oferecer a quem precisasse, meu pai produzia mudas de árvores frutíferas e distribuía entre as pessoas amigas. Com isso, reconhecer que precisamos de pouco para viver bem.

A segunda declaração nasce dessa mudança provocada pelo grupo e pela sua organização. A quantidade de pessoas que foram entrando em minha vida, alguns deles e delas cúmplices da minha existência, porque foram exigentes, críticos/as, cuidadosos/as abriram meus olhos e meu corpo para entender o mundo diverso, superar uma religião de ritos e de devoções para viver uma mística que gera um compromisso com a vida e com a história, capaz de projetar sonhos para a humanidade. Não posso nomear todos porque o texto seria só de nomes, porém sei que tanto os que me cercam de perto e de longe saberão reconhecer-se neste movimento de nos tornarmos uma comunidade de irmãs e de irmãos. Como não amar você, PJ?

A terceira declaração está vinculada com a história da classe social. O movimento de me entender no grupo de gente trabalhadora, portanto explorada, me fez fazer as pazes com minha família, no sentido profundo, de entender que o processo de exploração imposto a um grupo social priva esse grupo de muitas coisas, desde o acesso ao conhecimento, o acesso a bens e outras questões que fazem parte da vida com dignidade. Também, aprendi a pisar neste lugar de modo amoroso, e saber que esse lugar que eu piso, não estou só, somos muitos, entender e ler a bíblia a partir desse lugar, contribuiu para aprofundar minha fé, deixar uma fé infantil e boba para uma fé madura e comprometida com as causas da justiça. Estar com os pobres e reconhecer-me parte desse grupo foi e é um longo aprendizado. Escolher esses grupos minorizados como parte da minha história e das minhas lutas, faz parte do meu amor e das minhas maiores gratidão a você, Pastoral da Juventude.



A quarta declaração tem uma conexão com o acompanhamento. Ela me conecta com a esperança. Olhar o caminho percorrido por você PJ e por aquelas pessoas que foram trilhando e se fazendo gente, porque você existe e resiste é motivo de muitas alegrias. Digo aqui do contexto continental porque tive essa oportunidade de acompanhar pessoas de diversos países, e quando encontro com elas ou elas encontram comigo em vários espaços, sejam eles presenciais ou virtuais, eu tenho a mesma sensação de João Batista: “Não sou digna de desatar suas sandálias”. Aqui é exercício de humildade, ou seja, a capacidade de reconhecer a verdade. Gente que no seu tempo aproveitou tudo que foi oferecido e assumiu a máxima de Olga Benário: “Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo”. E como sou grata a você por testemunhar cada um e cada movimento feito, desde a entrada nas políticas públicas de juventude, as campanhas pela vida das juventudes e o respeito pela diversidade que somos como humanidade.

Um outro aspecto que nesta lista, já vai para o quinto, é a memória. Recordo de Adélia Prado quando afirma que “O que a memória amou ficou eterno”. Você nos ensinou não só a amar cada história vivida, como a fazer o registro dessa memória, construir marcos referenciais em nível de continente, nessa nossa Pacha Mama. Esse jeito seu de fazer a memória e organizar as histórias, valorizar as pessoas, a tornou uma universidade popular, onde o conhecimento foi sendo feito e refeito por muitas mãos. E que aprendizados foram gerados em seu espaço! E quando a gente se encontrava como Pátria Grande, havia algo muito misterioso, a gente se conectava como um povo e contemplava a nossa diversidade de povos, línguas, culturas, resistências, mística! Tive a graça de participar e colaborar em congressos e encontros, na construção do Marco de Referência Civilização do Amor e Projeto e Missão. Nesse caminho, nos aproximamos muito, amei cada passo, com todas as contradições.

A formação, o processo e a integralidade foram um aprendizado e uma paixão que foi se ampliando cada dia. Preciso dizer da CAJU, que foi uma escola para mim e para tantas pessoas, aqui segue uma lista sem fim de nomes, de gente que recordo e gente que recorda de mim. Lugar de sonhos, produção de sínteses, formação... muitas contradições próprias das nossas fragilidades humanas, uma equipe de trabalho de muita cumplicidade. Neste espaço sonhamos que as juventudes pudessem ser discutidas como tema nas universidades. Começou com a pós graduação em juventude depois mestrados, doutorados e pós doutorados com esta temática. A quantidade de



gente que entrou para universidades e fez seus estudos, alargou demais a CAJU na defesa da vida da juventude empobrecida, contra as violências. E as instituições temeram, preferiram a manutenção, a conservação e fecharam o espaço. As sementes de caju já estavam espalhadas no mundo e nas pessoas que foram transformadas e o compromisso continua com o nascimento do Cajueiro. Este caminho foi para confirmar o trabalho em equipe, a ação planejada em processo, atenta a pessoa com todas as suas complexidades. Também, que uma formação sólida vem quando se toca nas estruturas sociais, culturais e econômicas, e por isso a descolonização, a despatriarcalização de nossas vidas e nossas culturas para construir espaços de comunicação sem violência e, ainda, para garantia do direito a vidas seguras, organização das mulheres, rompimento com o racismo estrutural tem sido caminhos para tecer redes de proteção à vida. Esses aprendizados se fazem perto das juventudes, perto da geração atual que você continua reunindo, encantando e provocando novos caminhos.

E nós sabemos que esse caminho é marcado por várias perseguições e não poderia ser diferente, as opções que foram feitas e são renovadas em mim e em você através do povo do caminho ao longo da história, do compromisso com Jesus de Nazaré, com Maria de vários rostos neste continente, vai nos ensinando que nossas escolhas têm consequências e por isso, a espiritualidade que alimenta nossa mística pela causa da vida, renova nosso amor pela vida e pelas juventudes.

Claro que tem muitos outros motivos para declarar meu amor por você, a história dos seus 50 anos, recordar as pessoas que já ressuscitaram e, outras que ao longo da história contribuíram tanto neste caminho e, todas as pessoas, que nos fizeram melhores e mais livres para viver o compromisso com o Reino e com as pessoas empobrecidas!

Amorosamente,

*Carmem Lucia.*

DESTINATÁRIO: PASTORAL DA JUVENTUDE  
ENDEREÇO: GRUPOS DE JOVENS DE TODO BRASIL

